

II Jornada da Criança e do Adolescente do NPCR (Núcleo de Psicanálise de Campinas e Região) –

Conferência e Temas Livres da II Jornada da Criança e do Adolescente do Núcleo de Psicanálise de Campinas e Região – pág. 227 a 242 - Ano 2008

**ÓDIO E DISCRIMINAÇÃO CONTRA “EMOS”:
UM ESTUDO SOBRE O IMAGINÁRIO COLETIVO DE ADOLESCENTES**

Jaqueline Caldamone Cabreira¹

Mariana Leme da Silva Pontes²

Miriam Tachibana³

Tania Maria José Aiello-Vaisberg⁴

Olhando para o adolescente contemporâneo

Não é recente o interesse da comunidade científica em compreender, desde uma perspectiva psicológica, a etapa do desenvolvimento humano que denominamos adolescência. Entendemos que tantos trabalhos já foram publicados a respeito desta temática devido à compreensão de que, neste período da vida, o adolescente é inexoravelmente levado a tolerar perdas, o que justifica que estudiosos voltem-se para uma melhor compreensão desta etapa do desenvolvimento em que o ser humano encontra-se especialmente vulnerável.

Por estarmos afinadas à leitura de Bleger (1963) de que o ser humano é essencialmente social e, como tal, deve ser sempre investigado contextualizado à sociedade em que se encontra inserido, entendemos que o processo de adolecer, que parecia ser uma tarefa árdua por si só, tal como apontam os especialistas da área, estaria sendo vivenciado de forma ainda mais complexa, dada a dinâmica que vem caracterizando a sociedade contemporânea (Camps, 2003). Com isso, estamos nos referindo não apenas ao fato de que, atualmente, os critérios estabelecidos para a entrada na vida adulta – como a autonomia financeira, por exemplo – por estarem mais difíceis de serem alcançados, acabam mantendo o jovem numa situação de dependência familiar por mais tempo (Barreto, 2006), mas, também, a todas as outras características da contemporaneidade, tal como o consumismo, a valorização excessiva da aparência, o imediatismo na busca pelo prazer, as relações sendo marcadas pela virtualidade, dentre outras.

Podemos pensar, como mostras do quanto o adolecer está sendo vivido de maneira cada vez mais conflituosa, as diversas problemáticas sociais envolvendo a conduta do adolescente, tais como

¹ Estudante de Psicologia na Pontifícia Universidade Católica de Campinas e Bolsista PIBIC/CNPQ de Iniciação Científica.

² Estudante de Psicologia na Pontifícia Universidade Católica de Campinas e bolsista PIBIC/CNPQ de Iniciação Científica.

³ Doutoranda em Psicologia na Pontifícia Universidade Católica de Campinas, com bolsa CNPQ

⁴ Professora Livre Docente pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, Orientadora de Mestrados e Doutorados dos Programas de Pós- Graduação em Psicologia do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo e da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Coordenadora da Ser e Fazer: Oficinas Psicoterapêuticas de Criação e Presidente da NEW- Núcleo de Estudos Winnicottianos de São Paulo.

o uso de álcool e drogas entre jovens (Chaves & Andrade, 2005; Raupp & Costa, 2006; Sudback & Cestari, 2005); as gestações não planejadas entre adolescentes (Granato & Aiello-Vaisberg, 2005; Mainarte, Godoy & Bonadio, 2005; Trindade & Almeida, 2002); e, numa situação que chama a atenção pela radicalidade, os casos de auto agressão e suicídio na adolescência (Mello-Santos, Bertolote & Wang, 2005; Minayo, 1998; Souza, Minayo & Malaquias, 2002).

Mediante o exposto, temos nos voltado à investigação da adolescência, com o objetivo de produzir conhecimento clinicamente útil sobre o adolescente, o que se faz exatamente por meio da captação de determinantes lógico-emocionais que sustentam as suas condutas - que temos nomeado de imaginário coletivo (Aiello-Vaisberg, 1999) -, para sustentar a atuação interventiva e psicoprofilática da Psicologia clínica em relação à esta população.

Desde esta perspectiva, realizamos uma investigação sobre o imaginário coletivo de adolescentes acerca do adolecer nos dias atuais, contando com a participação de duzentos estudantes, de oitava série à terceiro colegial, de dez escolas públicas e particulares situadas no interior do estado de São Paulo. As pesquisadoras iam às salas de aula e solicitavam ao alunos que desenhassem, individualmente, “um adolescente dos dias de hoje”, para, a seguir, inventar uma história sobre a figura desenhada, tal como propõe o Procedimento Desenhos-Estórias com Tema, desenvolvido por Aiello-Vaisberg (1999) a partir do Procedimento Desenhos-Estórias (Trinca, 1976).

Optamos por realizar esta investigação fazendo uso de um recurso mediador dialógico, ao longo destes dez encontros, tendo em vista facilitar a comunicação emocional dos participantes, o que se faz imprescindível numa investigação psicanalítica de imaginários coletivos, na medida em que se articula ao redor da busca de determinantes lógico-emocionais não conscientes que sustentam as condutas de indivíduos e coletivos humanos (Aiello-Vaisberg & Machado, 2000).

Obtivemos, ao final dos encontros, um total de duzentos desenhos-estórias, que interpretamos, psicanaliticamente, à luz da Teoria dos Campos (Herrmann, 1991), o que nos permitiu constatar a recorrência de alguns campos psicológicos vivenciais - tais como o da solidão, o do vazio existencial, e o da oposição pueril -, que estariam produzindo os sentidos das condutas assumidas pelos jovens (Cabreira, Pontes, Tachibana & Aiello-Vaisberg, 2007).

Dentre estes duzentos desenhos-estórias, chamou-nos a atenção o fato de que onze deles traziam a representação gráfica de um jovem com aparência peculiar, isto é, com uma parte do rosto estando coberta por uma franja lisa e comprida, com lágrimas desenhadas na bochecha, com um rosto marcado por *piercings*, com os olhos trazendo marcadamente um semblante triste, dentre outras características. Tratava-se de desenhos-estórias que tratavam do sub-grupo social adolescente que emergiu recentemente, denominado “emos”.

Decidimos, desta maneira, dedicar este artigo para a análise destes onze desenhos-estórias que tratavam explicitamente dos emos, não apenas porque, tal como dito previamente, não encontramos estudos científicos acerca deste grupo social, mas, também, porque entendemos que se trata de um fenômeno social vinculado à adolescência contemporânea, que nos permitiria produzir conhecimento clinicamente útil acerca do jovem dos dias de hoje.

O ódio e a discriminação contra os emos

A partir de nosso debruçar sobre o material clínico, pudemos captar um campo psicológico vivencial, que se fez intensamente presente nos onze desenhos-estórias, referente ao sentimento de ódio em relação aos emos, que algumas vezes foi expresso através dos dizeres “Eu odeio emos!” escritos em letras grandes, no meio do desenho ou da história.

Para ilustrar este campo, selecionamos uma das produções gráficas, na qual a participante desenhou um adolescente com um visual típico dos emos, isto é, um jovem com a franja cobrindo uma parte de seu rosto, usando maquiagem e com uma lágrima desenhada abaixo de seus olhos.



“Emo, sinônimo de gay, pois choram por tudo o que acontece,
vendo filmes, ouvindo músicas”

Na história, o participante acabou igualando os emos aos gays que, como sabemos, consistem numa população marginalizada em nossa sociedade, a despeito de todos os movimentos sociais existentes, hoje, que visam superar esta exclusão social. Esta comparação entre os emos e os homossexuais leva-nos a pensar como a discriminação em relação aos emos faz-se tão intensa que ultrapassaria o movimento de rivalidade que existe naturalmente entre os diversos sub-grupos sociais adolescentes, tais como os punks, os hippies, as patricinhas, dentre outros. De fato, ao debruçarmo-nos sobre os duzentos desenhos-estórias, frutos dos dez encontros das pesquisadoras com os estudantes, observamos algumas condutas discriminatórias em relação a outros sub-grupos

adolescentes que não os emos, mas tais condutas discriminatórias não nos despertaram, contratransferencialmente, toda a intensidade daquelas direcionadas aos emos.

Cabe, neste momento, indagarmo-nos quais seriam os motivos para os emos serem tão odiados e discriminados pelos seus próprios pares. Assim, a seguir, apresentamos um detalhamento do campo psicológico do ódio e da discriminação contra os emos, elencando alguns aspectos que parecem estar intimamente relacionados à conduta discriminatória assumida em relação à este sub-grupo social emergente.

Um adolescente irracional

Pudemos observar, a partir de nosso debruçar sobre o material clínico, que o campo psicológico vivencial do ódio e da discriminação contra os emos encontra-se vinculado à concepção de que estes seriam adolescentes que viveriam exageradamente uma condição de tristeza sem motivo algum para tanto. Vemos, assim, que o que parece ser intolerável para os adolescentes, em relação aos emos, não seria tanto o visual aparente, mas, sim, a impressão de uma tristeza vivida apenas aparentemente, isto é, um sofrimento emocional que, a despeito de ser exageradamente declarado, seria apenas aparente. Para ilustrar, podemos fazer uso de um desenho-estória, através do qual foi representado um adolescente com um visual tipicamente emo e com um olhar bastante triste.



“(...) Eu sou um emo. Mi⁵ reúno todo dia pra xorar com meus migus (...)”

Tenho tudo que tenho, mas sintu um vazio, que soh é preenchido
quando eu ouço Simple Plan⁶”.

⁵ Neste texto, o participante escreveu fazendo uso de termos muito particulares dos emos, tal como “migus”, que se refere à “amigos”, por exemplo.

⁶ Banda de rock internacional idolatrada pelos emos.

A forma debochada através da qual o participante escreve a respeito do sofrimento emocional sentido pelo emo – uma tristeza superficial, que passaria ao ouvir uma música; ou um mal-estar que seria curtido em grupo de amigos – expressa bem este imaginário de que o sentimento dos emos seria banal.

Independentemente se a tristeza exageradamente expressa pelos emos é autêntica ou aparente, compreendemos que cabe indagarmo-nos, aqui, o que estaria sustentando esta intolerância social frente o mal-estar emocional declaradamente vivido pelos emos.

Num primeiro momento, podemos levantar a hipótese de que, tal como apontam alguns autores (Barus-Michel, 2005; Jover & Nunes, 2005), como, no imaginário social, a adolescência é tida como a etapa do desenvolvimento humano em que o indivíduo está isento das responsabilidades dos adultos e, ao mesmo tempo, já tem grande independência em relação às crianças, acaba tornando-se um período do desenvolvimento humano bastante idealizado - seja pelos adultos, que querem retornar à esta etapa da vida, seja pelas crianças, que querem chegar logo à este momento da vida -, de modo que fica difícil, em nosso imaginário social, conceber que adolescentes sejam tão deprimidos quanto os emos declaram ser.

Por outro lado, também podemos promover uma reflexão interessante a partir da frase “Tenho tudo que tenho, mas sinto um vazio (...)”, escrita pelo participante, na qual ele faz um contraponto entre o sentimento de vazio e o fato dele ter tudo. A partir deste enunciado, podemos refletir que, talvez, o imaginário coletivo de que a tristeza sentida pelos emos seja apenas aparente esteja relacionada à um outro imaginário de que o ter “tudo” implicaria necessariamente num ser que não teria porque sofrer, concepção esta que contradiz aquilo o que defendemos, desde a perspectiva winnicottiana, de que questões como a do vazio e a da falta de sentido possam estar presentes em condições sociais em que, aparentemente, predomina o sucesso e a realização (Aiello-Vaisberg, 2005).

É possível pensarmos que este imaginário que mescla o “ter” e o “ser” esteja profundamente contextualizado à sociedade contemporânea - tão marcada pelo consumismo, pela valorização da aparência, pelo prazer imediato, dentre outros aspectos que têm em comum um movimento de suprir qualquer sensação de mal-estar – na qual o adolescente, segundo dados do Ministério da Saúde (1999), seria um dos principais atores, no sentido de sentir-se convocado a consumir imagens, ao invés de refletir, experienciar, elaborar. Desde esta perspectiva, não fica difícil compreender porque os emos, fazendo uma super exposição de um sofrimento emocional vivido intensamente, numa época em que a sociedade busca encobrir qualquer tipo de mal-estar emocional de forma imediatista, despertem tanta angústia e desencadeiem todo um movimento de exclusão, uma vez que representam justamente o extremo oposto daquilo o que se vem buscando suprir a qualquer custo.

Assim como a contemporaneidade vem sendo caracterizada pelo imediatismo e pelo consumismo, também vem sendo marcada por uma tendência racionalista que, de maneira análoga ao consumismo e à valorização excessiva da aparência, tem buscado evitar o contato com a própria dor emocional. Esta intelectualização/racionalização, em detrimento da emoção, tratar-se-ia de uma estratégia defensiva diferenciada daquela adotada através do consumismo exagerado, mas ambos consistiriam em movimentos dissociativos que teriam, como finalidade em comum, o não entrar em contato com o próprio mal-estar emocional.

O seguinte desenho-estória, realizado por um dos participantes deste estudo, traz esta questão da “racionalização versus a emoção” bem claramente:



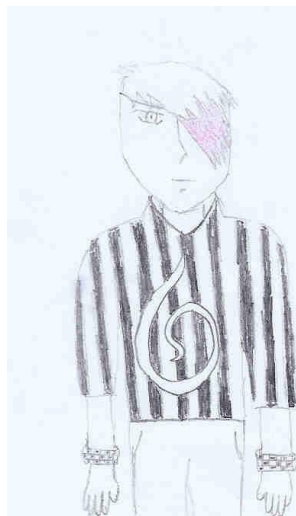
“Este é o retrato de uma juventude sentimental e decadente,
que coloca a EMOção à frente da razão!”

Aqui, faz-se importante esclarecer que, ao apontarmos esta tendência social de encobrir o sofrimento emocional através de intelectualizações e outros movimentos particulares da contemporaneidade, não estamos defendendo, equivocadamente, que a maneira dos emos vivenciarem seu mal-estar seja, daí, o modelo de saúde mental a ser seguido. Uma vez afinadas à teoria winnicottiana, acreditamos que seja possível o ser humano vivenciar criativamente os seus próprios sentimentos, sem ter que recorrer a um estado dissociativo, que tanto nos parece estar sendo cultivado pela cultura atual, e sem ter que mergulhar na dor sentida, entrando em contato com aquilo o que Winnicott (1960) denominava de agonias impensáveis, tal como os emos parecem fazer, ao ficarem enaltecendo a própria dor.

Um adolescente passivo

Um outra motivação que pudemos captar, associada ao campo psicológico do ódio e da discriminação contra os emos, referia-se ao imaginário coletivo de que os emos seriam adolescentes

que estariam vivendo passivamente as suas vidas. Este campo fica bastante visível através da seguinte produção gráfica:



“Ele nasceu, ele cresceu, ele morreu”

Nesta produção gráfica, é narrada uma história de vida que poderíamos chamar de “vazia”, no sentido de que nela não são narrados acontecimentos ou grandes realizações. A partir dela, podemos observar o imaginário coletivo de que os emos estariam apenas vivendo as suas vidas - nascendo, crescendo e morrendo, tal como pontuado na história -, de uma forma um tanto passiva e deprimente.

Esta passividade em relação ao próprio viver estaria vinculada intimamente, no imaginário coletivo dos adolescentes, ao fato dos emos serem indivíduos muito voltados aos seus próprios sentimentos, tal como podemos observar a partir do seguinte desenho-estória:



“EMO, sinônimo para rebelde sem causa. Por que chorar e se lamentar se você pode ir à luta e fazer o seu próprio futuro?!

Por isso, I HATE EMO!!!”

A partir desta produção gráfica, observamos que, no imaginário coletivo dos adolescentes, há um contraponto entre construir ativamente o próprio futuro e a postura de entrar em contato com os próprios sentimentos. Se, anteriormente, observamos um imaginário que faz uma aproximação equivocada entre o “ser” e o “ter”, tal como apresentamos previamente, neste campo psicológico, observamos um imaginário que faz um distanciamento entre o “sentir” (representado, nesta produção gráfica, através dos comportamentos de chorar e lamentar) e o “fazer” (representado através da expressão “fazer o seu próprio futuro”).

Podemos fazer uma ponte entre este imaginário que contrapõe o “sentir” e o “fazer” com a teoria winnicottiana a respeito do desenvolvimento emocional do ser humano. Desde esta perspectiva, entendemos que esta contraposição entre o “sentir” e o “fazer”, como se a irracionalidade se opusesse à atividade, seria uma concepção dissociada do ser humano, que estaria desconsiderando que o indivíduo integrado é paralelamente “ser” e “fazer”, concepção esta que pode estar vinculada, tal como afirmamos previamente, à sociedade contemporânea, que, de certo modo, vem privilegiando um estado dissociativo entre o “sentir” e o “fazer”, com este último tornando-se cada vez mais mecânico e desprovido de sentido.

Entretanto, tal como discutido previamente, entendemos que exista a possibilidade do adolescente encontrar uma terceira posição existencial, divergente da postura de ficar mergulhado passivamente na própria dor, bem como da conduta de, dissociadamente, voltar-se ao fazer e ao produzir, através da qual possa, de forma integrada, dar vazão ao seu potencial criador e criar, de maneira viva e real, o seu próprio futuro.

Tecendo algumas considerações

Pudemos notar, a partir da realização deste estudo, a existência do campo da discriminação, no imaginário coletivo dos adolescentes, acerca deste novo sub-grupo social denominado “emos”, os quais estariam sendo tidos como indivíduos irracionais, fúteis e passivos.

Como partimos de uma perspectiva psicológica que aborda o ser humano inter-relacionado ao ambiente que o cerca, consideramos importante repensar o imaginário coletivo a respeito dos emos, relacionando-o com o fato de os participantes deste estudo também fazerem parte do grupo social da adolescência. Desde esta perspectiva, chamou-nos a atenção o fato dos adolescentes deste estudo terem trazido algumas questões, a respeito dos emos, que coincidem justamente com aquilo o que a literatura específica aponta a respeito da adolescência de maneira em geral. Assim, da mesma forma

que os participantes desta pesquisa descreveram os emos como indivíduos que vivenciam uma tristeza infundada, são diversos os autores, dentre os quais podemos destacar Outeiral (2005); Benincasa e Rezende (2006), que falam de um certo estado “depressivo” na adolescência, estado este que não teria aparentemente motivo algum para existir. Ainda, assim como os jovens apontaram uma certa passividade dos emos em relação ao seu próprio futuro, deparamo-nos com autores, tais como Barus-Michel (2005); Barreto e Aiello-Vaisberg (2007), que apontam ser esta uma conduta bastante comum entre os adolescentes em geral.

Ademais, despertou-nos a atenção o fato de que, da mesma forma que os adolescentes expressaram condutas discriminatórias em relação aos emos, sabemos que os jovens, de maneira geral, sentem-se discriminados dentro da sociedade, uma vez que são tidos frequentemente como imaturos, irresponsáveis e transgressores (Ávila, 2005). Esta questão do adolescente sentir-se discriminado pelo mundo “adulto” já foi observada por nós, numa pesquisa que realizamos, voltada ao imaginário coletivo de adolescentes acerca do adolecer na contemporaneidade, captamos, dentre alguns campos psicológicos vivenciais, um que se referia à sensação do jovem de ser excluído e incompreendido pela sociedade (Cabreira, Pontes, Tachibana & Aiello-Vaisberg, 2007).

A partir destas constatações, cabe indagarmo-nos o que significariam estas “coincidências” entre o imaginário coletivo dos adolescentes, em relação aos emos, e o imaginário social, acerca dos adolescentes. Podemos pensar que, talvez, os emos despertem tanta intolerância por parte dos adolescentes, em geral, justamente porque eles apresentam, de forma maximizada, a conduta “típica” dos jovens. É como se este sub-grupo social emergente fosse um espelho que estaria refletindo, aos adolescentes, alguns aspectos deles próprios, só que de maneira tão potencializada e caricaturizada, que a angústia despertada acabaria gerando a conduta de discriminá-los de seu próprio grupo social. Desde esta perspectiva, o ódio tão expresso em relação aos emos consistiria numa expressão da intolerância em relação aos próprios aspectos, como a sensação de tristeza e o pessimismo quanto ao próprio futuro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Aiello-Vaisberg, T.M.J. (1999). *Encontro com a loucura: Transicionalidade e Ensino de Psicopatologia*. Tese de Livre-Docência, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Aiello-Vaisberg, T.M.J. & Machado, M.C.L. (2000). Diagnóstico estrutural de personalidade em psicopatologia psicanalítica. *Psicologia USP*, 1 (11), 29-48.

Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2005). Sofrimento e adolescência no mundo contemporâneo sob a perspectiva da psicologia social clínica. In *Anais do Primeiro Simpósio Internacional do Adolescente*. www.proceedings.scielo.br/scielo.php

Ávila, S. de F. O. de (2005). A adolescência como ideal social. In *Anais do Primeiro Simpósio Internacional do Adolescente*. www.proceedings.scielo.br/scielo.php

Barreto, M.A. (2006). *Do vôo preciso: considerando o imaginário coletivo de adolescentes*. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas.

Barus-Michel, J. (2005). Entre sofrimento e violência: a produção social da adolescência. In *Anais do Primeiro Simpósio Internacional do Adolescente*. www.proceedings.scielo.br/scielo.php

Benincasa, M. & Rezende, M.M. (2006). Tristeza e suicídio entre adolescentes: fatores de risco e proteção. *Boletim de Psicologia*, LVI (124), 93-110.

Bleger, J. (1963/1984). *Psicologia da conduta*. Trad. Por E. de O. Diehl. Porto Alegre: Artes Médicas.

Cabreira, J.C.; Pontes, M.L. da S.; Tachibana, M. & Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2007). Incompreensão, vazio e oposição pueril: o imaginário coletivo de adolescentes sobre a adolescência no mundo atual. In *Anais da I Jornada em Psicanálise e Fenomenologia do Laboratório de Psicologia Clínica Social*. http://200.18.252.57/services/monografias/ANAIS_12ABR07.pdf

Camps, C.I.C. de M. (2003). *A hora do beijo: teatro espontâneo com adolescentes numa perspectiva winnicottiana*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Chávez L.M.C. & Andrade D. (2005). La escuela básica en la prevención del consumo de alcohol y tabaco: retrato de una realidad. *Revista Latinoamericana de Enfermagem*, 13, 784-789.

Granato, T.M.M. & Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2005). Adolescência e gravidez: um paradoxo sustentável? In Aiello-Vaisberg, T.M.J. & Granato, T.M.M. *Ser e Fazer na clínica winnicottiana da maternidade*. Aparecida, S.P.: Idéias e Letras.

Hermann, F. (1991). *Clínica psicanalítica: a arte da interpretação*. São Paulo: editora Brasiliense.

Jover, E.R. & Nunes, M.L.T. (2005). Construção histórica da noção de adolescência e sua redefinição na clínica psicanalítica. *Imaginário*, 11 (11), 15-33.

Mainarte, M.A.C., Godoy, S.R. e Bonadio, I.C. (2005). Gravidez na adolescência em periódicos de enfermagem, ginecologia e obstetrícia entre 1997-2001. In *Simpósio Internacional do Adolescente*. www.proceedings.scielo.br/scielo.php

Mello-Santos, C., Bertolote, J.M. & Wang, Y.P. (2005). Epidemiology of suicide in Brasil (1980-2000): characterization of age and gender rates of suicide. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 27 (2),131-134.

Minayo, M.C. S (1998). A autoviolência, objeto da sociologia e problema de saúde pública. *Cadernos de Saúde Pública*, 14 (2), 421-428.

Ministério da Saúde (1999). *Cadernos, juventude, saúde e desenvolvimento*.
<http://www3.bireme.br/bvs/adolec/P/cadernos/capitulo/cap20/cap20.htm>

Outeiral, J. (2005). O spleen na adolescência. In *Anais do Primeiro Simpósio Internacional do Adolescente*. www.proceedings.scielo.br/scielo.php

Rondon, P.H.B. (2001). Resenha do livro “Adolescência: reflexões psicanalíticas”. *Agora*, 2 (4), 131-137.

Souza, E. R., Minayo, M.C.S. & Malaquias, J. V. (2002). Suicide among young people in selected Brazilian State capitals. *Cadernos de Saúde Pública*, 18, (3), 673-683.

Sudbrack, M.F.O. & Cestari, D.M. (2005). O modelo sistêmico e da educação para a saúde na prevenção da drogadição no contexto da escola: proposta do Projeto Piloto SENAD, MEC e UNB. In *Anais do Primeiro Simpósio Internacional do Adolescente*. www.proceedings.scielo.br/scielo.php

Trinca, W. (1976). *Investigação clínica da personalidade: o desenho livre como estímulo de apercepção temática*. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária.

Trindade, R.F.C. e Almeida, A.M. (2002). Gravidez na adolescência e os discursos. In *Anais do Primeiro Simpósio Internacional do Adolescente*. <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php>

Winnicott, D.W. (1960). Distorção do ego em termos de falso e verdadeiro “self”. In Winnicott, D.W. (1965/1983). *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Trad. por I.C.S. Ortiz. Porto Alegre: Artes Médicas.

Contatos:

Jaqueline Caldamone Cabreira - Endereço: 14 de Dezembro, 85, apto 101. Centro, Campinas / SP. CEP: 13015130. Telefone: (19) 81714548. E-mail: jaqcc@hotmail.com

Mariana Leme da Silva Pontes - Endereço: R: Benjamin Constant, 1588, apto 101. Centro, Campinas / SP. CEP: 13010-142. Telefone: (15) 91057928. E-mail: mari_pontes@hotmail.com

Miriam Tachibana - Endereço: Rua Ruberlei Boaretto da Silva, 185. Cidade Universitária, Campinas / SP CEP: 13083-705. Telefone: (19) 97424033 E-mail: mirita@uol.com.br

Tania Maria José Aiello-Vaisberg - Endereço: Rua Cristiano Viana, 441. Cerqueira César, São Paulo / SP. CEP: 05411-000. Telefone: (11) 96455571 E-mail: aiello.vaisberg@gmail.com



NPCR

Núcleo de Psicanálise de Campinas e Região

*Conferências e Temas Livres da
II Jornada de Psicanálise
da Criança e do
Adolescente do NPCR*



Boletim
Fevereiro de 2008